

O novo normal no Vale das Ninfas: a COVID-19 e os circuitos de sociabilidade gay na região metropolitana do Recife/PE, Brasil

The *new normal* in Vale das Ninfas: COVID-19 and the gay sociability circuits in the metropolitan region of Recife, State of Pernambuco, Brazil

Luís Felipe Rios (<https://orcid.org/0000-0002-0767-7845>)¹

Karla Galvão Adrião (<https://orcid.org/0000-0002-7411-425X>)¹

Cinthia de Oliveira (<https://orcid.org/0000-0002-8152-5735>)²

José Ítalo Francolino (<https://orcid.org/0000-0002-7884-1796>)²

Matheus Coelho (<https://orcid.org/0000-0002-5886-2709>)²

Ingrid de Melo Silva (<https://orcid.org/0000-0002-4978-5086>)²

Mateus Souza Araujo (<https://orcid.org/0000-0002-3771-4520>)²

Carlota Parra (<https://orcid.org/0000-0003-1839-8814>)²

Abstract *The text addresses the sociability circuits of ‘men who have sex with men’ in the Metropolitan Region of Recife during the first year of the COVID-19 pandemic. In March 2020, with the arrival of the epidemic in Brazil, a first movement was characterized by the shift of interactions to the online dimension. From June onwards, after stricter social distancing, offline sexual interactions, social interactions at friends’ houses, the return to bars and sociability on the street were resumed in that order, in the wake of what was happening in the broader society. In the mismatch between the negationist speech of the President of the Republic and the role of the state government in implementing measures of social distancing; in the contradictions generated by the leniency regarding crowding in public transport on the way to and from work and the attempts to contain the crowds seeking leisure activities, a ‘new normal’ emerged and was marked by negativism, omnipotence and fatalism. Between September 2020 and February 2021, what were most evident were parties, ostensive circulation of people and the lack of mask use, boosting the numbers of the infected and the dead, in the normalization of an unprecedented health crisis in Brazil.*

Key words COVID-19, Homosexuality, Territory, Sexuality, Sociability

Resumo *O texto aborda os circuitos de sociabilidade de homens que fazem sexo com homens, na Região Metropolitana do Recife durante o primeiro ano da pandemia de COVID-19. Em março de 2020, com a chegada da doença ao Brasil, um primeiro movimento foi caracterizado pelo deslocamento das interações para a dimensão on-line. A partir de junho, após distanciamento social mais rigoroso, as interações sexuais offline, a social na casa de amigos, a volta aos bares e a sociabilidade na rua foram sendo, nessa ordem, retomadas na esteira do que acontecia na sociedade abrangente. No descompasso entre o discurso negacionista do presidente da República e o protagonismo do governo estadual em implantar as medidas de distanciamento social, nas contradições geradas pela leniência em relação à aglomeração no transporte público na ida para o trabalho e nas tentativas de contenção das aglomerações de lazer, produziu-se um novo normal caracterizado pelo negacionismo, a onipotência e o fatalismo. Entre setembro de 2020 e fevereiro de 2021, o que mais se viu foram festas, circulação ostensiva das pessoas e ausência do uso de máscara, impulsionando os números de infectados e de mortos, na normalização de uma crise sanitária sem precedentes no Brasil.*

Palavras-chave COVID-19, Homossexualidades, Território, Sexualidade, Sociabilidades

¹ Laboratório de Estudos da Sexualidade Humana, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco. Av. da Arquitetura, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 7º Andar, Cidade Universitária. 50740-550. Recife PE Brasil. lfelipe.rios@gmail.com

² Laboratório de Estudos da Sexualidade Humana, Universidade Federal de Pernambuco. Recife PE Brasil.

Introdução

Este ensaio discute as formas de sociabilidade e as condutas sexuais de homens que fazem sexo com homens (HSHs) na Região Metropolitana do Recife (RMR), durante o primeiro ano da pandemia de COVID-19 – doença causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (Sars-CoV-2), com altas capacidades de transmissão e, como consequência dessas infecções, de colapsar os sistemas públicos de saúde. Na ausência de vacina e medicamentos de comprovada eficácia, o distanciamento físico foi, durante o primeiro ano de pandemia, a principal medida para reduzir a circulação do vírus, junto ao uso de máscara, higienização dos corpos e isolamento dos casos¹⁻³.

O distanciamento social reduz as interações em uma comunidade, na qual circulam pessoas infectadas, mas não isoladas. O *lockdown* é o caso extremo de distanciamento social, consiste na proibição, aplicada a toda uma região, de as pessoas saírem de seus domicílios, objetivando reduzir drasticamente o contato social. A quarentena é a restrição do movimento, durante o período do ciclo do vírus/doença, de pessoas que, presumidamente, foram expostas ao agente etiológico mas que não apresentam sintomas¹. No cotidiano da RMR, quarentena tornou-se conceito guarda-chuva que recobre quaisquer das medidas acima definidas.

No discurso veiculado nas mídias, as ações já citadas retardariam a quantidade de infectados, enquanto cientistas se esforçavam pela criação de vacinas seguras e eficazes, o que ocorreu em finais de 2020. No Brasil, a vacinação foi iniciada em janeiro de 2021³. A categoria *novo normal* – utilizada em 2009 para se referir às rupturas estruturais causadas pela recessão econômica – passou a designar uma “promessa futura”, uma alternativa às estratégias mais rígidas de distanciamento social, como o *lockdown*⁴:

*[...] a possível reabertura comercial e a retomada econômica, com a condição de que [...] devemos repensar nosso estilo de vida em sociedade, nossas relações afetivas, nossas formas de lazer e diversão, nossos comportamentos e ações em público, nossos hábitos de higiene, o uso obrigatório das máscaras de proteção, dentre outras questões*⁴.

Nesse contexto, interações com fins sexuais podem se tornar meios de propagação do Sars-Cov-2⁵⁻⁸. Sobre isso, uma pesquisa realizada com HSHs brasileiros entre abril e maio de 2020 indicou que 53% dos participantes relataram relações sexuais com parceiros casuais na pan-

demia. Considerando apenas os não testados para COVID-19 e que relataram interação sexual com parceiros casuais, 38,3% declararam sinais e sintomas de síndrome gripal, sugestivos de COVID-19, durante o período de distanciamento social. Jovens (21-30 anos) e adultos jovens (31-40 anos) apresentaram mais relatos de sintomas de síndrome gripal do que as outras faixas etárias. O número de parceiros sexuais no período foi proporcionalmente maior naqueles que apresentaram sintomas gripais^{2,8}.

O estudo^{2,8} aponta para a necessidade de melhor explorar o fenômeno, compreendendo que a utilização das medidas preventivas é multiterminada e envolve dimensões socioculturais, subjetivas e programáticas que podem produzir variados contextos de vulnerabilidade ao Sars-Cov-2⁹.

Na dimensão sociocultural, a estigmatização das homossexualidades produz circuitos que permitem a conexão sexual de homens de diferentes identidades sexuais¹⁰⁻¹², além da territorialização de suas porções mais visíveis em estabelecimentos comerciais de diversão voltados para lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e afins (LGBT+)¹²⁻¹⁴.

Os HSHs são, há quatro décadas, especialmente vulneráveis ao HIV/AIDS^{10,15}, ensejando pesquisas sobre a não aderência ao uso de preservativo¹⁶. Há sinergia do sexo desprotegido com a dinâmica dos espaços, com estilizações corporais e vinculações afetivas. *Tesão, amor e confiança* figuram como sentimentos capazes de suplantar o *medo* nas cenas de infecção pelo HIV¹⁶⁻¹⁹.

Na dimensão programática, chamam atenção as maneiras contraditórias como os governos federal, estaduais e municipais responderam à pandemia de COVID-19 em seu primeiro ano de existência. O presidente da República reiteradamente negou a letalidade do vírus, despotencializando as recomendações científicas. As políticas de mitigação dos efeitos da pandemia foram muitas vezes ineficientes ou inadequadas, exigindo interferências do Legislativo e do Judiciário para corrigi-las^{20,21}.

Os relatos de sexo casual na pandemia^{2,5-8}, as reflexões acerca dos contextos de vulnerabilidade e a literatura sobre sexo desprotegido para o HIV permitiram formular as questões que guiam este texto: como a COVID-19 e as formas de enfrentamento interferiram na sociabilidade e condutas sexuais de HSHs? Como as dinâmicas observadas podem produzir maior suscetibilidade à infecção pelo Sars-Cov-2?

Sobre a pesquisa

Os dados foram coletados em pesquisa etnográfica sobre a vulnerabilidade de HSHs à infecção pelo HIV na RMR, em etapa realizada entre 2019 e 2021, por meio de observação participante nos lugares *on-line* (mediados pelas tecnologias de informação e comunicação – TICs) e *offline* de homossociabilidade, entrevistas e pesquisa documental²². Com o trabalho já em andamento quando a COVID-19 chegou ao Brasil, foi necessário abordar a nova dinâmica, que afetou a coleta de dados, os espaços de sociabilidade e a vida sexual dos HSHs.

A realização de entrevistas foi suspensa em março de 2020, retornando em setembro daquele ano de maneira remota. A partir de dezembro de 2020, algumas entrevistas ocorreram *offline*. Foram entrevistados 16 HSHs, contatados a partir da rede de relação dos pesquisadores, com idades variando entre 20 e 35 anos (Quadro 1).

Foi empregada a análise temática²², de modo a compreender as cenas de sociabilidade e de práticas sexuais. Foram especialmente importantes as respostas às questões do roteiro de entrevistas sobre as mudanças nos espaços de homossociabilidade e a respeito as três últimas cenas sexuais com e sem o uso de preservativo.

Para ajudar a compreender os fatores externos à dinâmica comunitária em foco, além de observação participante, realizamos pesquisa documental, tendo como base principalmente veículos de um consórcio (*O Estado de S. Paulo, Folha de*

S. Paulo, O Globo, Extra, G1 e UOL) formado em junho de 2020 para coletar e divulgar os números de infectados e mortos pelo Sars-Cov-2, dadas as controvérsias na divulgação de dados oficiais pelo Ministério da Saúde do Brasil. As matérias utilizadas neste trabalho são apresentadas no Quadro 2. Também consultamos fontes oficiais das diferentes instâncias de governo, de forma a produzir uma compreensão sobre as mudanças nas respostas programáticas ao Sars-Cov-2.

Resultados

Entrevistamos seis homens negros, oito brancos, um amarelo e um não quis responder. Três haviam concluído o ensino médio, nove cursavam o ensino superior e quatro tinham concluído o ensino universitário. A classe foi inferida pela equipe de pesquisa a partir de renda *per capita*, condições de moradia e acesso a bens e serviços. Sete foram classificados como de classe pobre, cinco de remediada e seis de média (Quadro 1).

Marco zero: o Vale das Ninfas em fevereiro de 2019

Nosso cenário é o Vale das Ninfas (Vale), coração da comunidade LGBT+ da RMR. O nome vem de uma rua que faz esquina com a Av. Manoel Borba, onde está localizada a Boate Clube Metrôpole. O Vale se estende pelo centro, especialmente pelo bairro da Boa Vista. Inclui boa-

Quadro 1. Dados sociodemográficos dos entrevistados e modalidade de realização das entrevistas.

Nome	Idade	Raça	Escolaridade	Classe	Modalidade
Fabricio	25	Branco	Ensino médio	Pobre	Remoto
Adalberto	25	Amarelo	Ensino médio	Pobre	Presencial
Miguel	27	Não declarou	Superior	Pobre	Presencial
Bento	25	Negro	Superior	Remediada	Remoto
Thiago	22	Branco	Superior incompleto	Pobre	Remoto
Gilberto	24	Branco	Superior incompleto	Pobre	Remoto
Jorge	25	Negro	Superior incompleto	Média	Remoto
Pedro	24	Negro	Superior	Média	Remoto
Ferdinando	25	Branco	Superior incompleto	Média	Remoto
José	23	Negro	Superior incompleto	Pobre	Remoto
Carlos	25	Negro	Superior incompleto	Pobre	Presencial
Heleno	26	Branco	Ensino médio	Remediada	Remoto
Alison	28	Branco	Superior	Remediada	Remoto
Elias	35	Branco	Superior incompleto	Remediada	Remoto
Sandro	24	Negro	Superior incompleto	Remediada	Remoto
Pablo	22	Branco	Superior incompleto	Média	Remoto

Fonte: Autores.

Quadro 2. Matérias na mídia *on-line*.

Referência no texto	Link de acesso
A	https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-04/covid-19-brasil-adota-uso-de-mascaras-como-politica-de-saude-publica
B	https://www.bbc.com/portuguese/geral-52948408
C	https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/deus-brasileiro-a-cura-ta-ai-diz-bolsonaro-sobre-remedio-ainda-em-teste-contr-a-covid-19-1-24337060
D	https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/04/07/auxilio-emergencial-informal-autonomo-mei-caixa-pagamentos-calendario.htm
E	https://economia.uol.com.br/faq/beneficio-emergencial-bem-como-consultar-receber-direito-carteira-assinada.htm
F	https://www.tecmundo.com.br/cultura-geek/152104-consumo-pornografia-aumenta-durante-pandemia.htm
G	https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Saude/noticia/2020/05/covid-19-o-que-e-passaporte-imunologico-e-o-que-dizem-os-cientistas.html
H	https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2020/08/urbana-propoe-alternar-horarios-de-trabalho-para-conter-aglomeracoes-n.html
I	https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/11/11/pais-de-maricas-9-frases-de-bolsonaro-sobre-pandemia-que-matou-162-mil-pessoas-no-brasil.htm?cmpid=copiaecola
J	https://gshow.globo.com/programas/domingao-do-faustao/danca-dos-famosos/2020/playlist/final-danca-dos-famosos-2020-veja-todas-as-apresentacoes.ghtml
L	https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2020/10/30/tre-pe-proibe-atos-de-campanha-com-aglomeracao-por-causa-da-covid-19.htm
M	https://www.bol.uol.com.br/noticias/2020/11/20/repique-em-casos-e-mortes-por-covid-19-acende-alerta-pelo-brasil.htm
N	https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,saude-preve-gastar-r-250-milhoes-para-por-kit-covid-em-farmacias-populares,70003547892
O	https://g1.globo.com/politica/video/veja-as-falas-de-bolsonaro-sobre-as-vacinas-contr-a-covid-19-9321171.ghtml
P	https://www.band.uol.com.br/noticias/manaus-sofre-com-falta-de-oxigenio-para-atender-pacientes-nos-hospitais-16321404
Q	https://www.bol.uol.com.br/noticias/2021/01/27/cepa-brasileira-eleva-preocupacao-mundial-com-mutacoes-do-coronavirus.htm
R	https://tvjornal.ne10.uol.com.br/tv-jornal-meio-dia/2021/01/15/proibicao-de-som-em-bares-restaurantes-boates-e-praias-comeca-a-valer-nesta-sexta-202221
S	https://gazetaweb.globo.com/porta1/noticia/2020/12/pernambuco-suspende-carnaval-de-2021-devido-a-pandemia_122651.php
T	https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2021/03/covid-19-ultima-semana-de-fevereiro-foi-a-pior-desde-o-inicio-do-ano.html
U	https://valorinveste.globo.com/mercados/brasil-e-politica/noticia/2021/02/28/bolsonaro-critica-novas-restrics-de-estados-e-do-df-para-conter-a-pandemia.ghtml

Fonte: Autores.

tes, bares e comércio ambulante, além de espaços mais libertinos, onde é possível ter sexo, como saunas, cinemas pornôs e motéis. Também inclui estabelecimentos não explicitamente LGBT+. Em muitos, é a ocupação em determinados horários e/ou dias da semana que os fazem se tornar espaços de homosociabilidade, como o posto de gasolina Select.

O Select e as barraquinhas de comércio ambulante próximas a bares e boates eram descritos

como *esquentas*, pontos de encontro nos quais amigos começavam e bebiam para *ficar no brilho* (alegres e desinibidos). A própria casa de um deles também funcionava como local de *esquento*, o que denominavam de *fazer a social*.

Ficar na rua em frente aos estabelecimentos LGBT+ era estratégico para exercer roteiros eróticos de *azaração/paquera* que, na dimensão *offline*, envolvem códigos não verbais, com centralidade nos olhares para demonstrar a possibilidade

de passar a interações sexuais de maior proximidade corporal²³.

O *smartphone* era o portal para conectar as duas dimensões existenciais, *offline* e *on-line*, e podia ser acionado várias vezes no episódio, seja na troca de mensagens entre amigos, seja para a *azaração on-line* que ocorria em paralelo à *offline*, em aplicativos de busca de parceiros como o Grindr. Ou ainda para disponibilizar nas redes sociais, em tempo real, imagens da diversão.

Até o início da pandemia, o Select era uma alternativa para quem ia esperar para pegar o primeiro transporte do dia, após notada, pois fica próximo de paradas de ônibus. Ainda assim, o trecho entre os bares e boates e o posto é perigoso de madrugada, onde aconteciam situações de violência. Por isso a importância de se andar com os amigos.

O primeiro ano de convivência com o Sars-Cov-2

Em março de 2020, intensificam-se os rumores sobre a chegada da pandemia ao Brasil. Gestores da saúde das três esferas de governo iniciam então o enfrentamento ao problema. Frente ao negacionismo do presidente da República, o governo de Pernambuco assume o protagonismo, seguindo as recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS). Ainda em março, decretos alteram profundamente o cotidiano dos pernambucanos. Dia 18, ficam proibidos eventos com mais de 50 pessoas; dia 21, suspensão de comércio e serviços não essenciais, com exceção de entregas; no dia 24, a proibição total de eventos^{1,24}.

A chegada da COVID-19 coloca em suspensão a sociabilidade HSH *offline*. Identificamos três fases, rumo a um “novo normal”, compostas por sete movimentos, implicando inflexões na lida com o agravo e deslocamentos nos espaços (*on-line* e *offline*).

É preciso dizer que a temporalidade é aproximativa e aponta para o início dos movimentos que vão se sobrepondo e reconfigurando os elementos de sociabilidade e conduta sexual. Iniciaremos a descrição das fases apresentado a dinâmica social mais ampla e as respostas programáticas, para em seguida descrever aspectos relacionados aos HSHs.

Março 2020 – rumo à dimensão *offline*

Quando a COVID-19 chega ao Brasil, em março de 2020, cientistas de todo o mundo já trabalhavam para responder às inúmeras questões

que o Sars-CoV-2 colocava. As novidades logo eram suplantadas por outras numa velocidade impressionante, o que potencializava muitas incertezas para as pessoas não acostumadas com a forma de proceder nas ciências.

Um exemplo é o de uso de máscaras. Em março, ainda não havia consenso sobre a proteção conferida por seu uso em espaço público. A mídia, escutando especialistas, dizia que as pessoas deveriam ficar em suas casas e que não adiantaria utilizá-las na rua, que apenas daria a falsa sensação de proteção. No caso brasileiro, em menos de um mês, o discurso muda e ela entra no cardápio oficial da prevenção (Quadro 2 – A, B).

Também em março, o presidente da República iniciou verdadeiras campanhas para incentivar o uso de medicamentos para prevenção e tratamento da COVID-19 sem comprovação científica e para desrespeitar as medidas de prevenção (Quadro 2 – C). Depois de muita pressão social, foram implementadas, a partir de abril, políticas de mitigação dos efeitos econômicos da pandemia (Quadro 2 – D, E)^{20,21}.

A adesão da população às medidas de enfrentamento não foi suficiente para interromper a velocidade de circulação do vírus e o número de mortes em Pernambuco (gráficos 1 e 2)²⁵. É decretado *lockdown* entre 16 e 31 de maio de 2020 em Recife, Olinda, Jaboatão dos Guararapes, Camaragibe e São Lourenço da Mata, municípios da RMR²⁴.

Primeiro movimento – suspensão da sociabilidade *offline*

Quando eu chego em casa, umas quatro horas depois, eles [pessoas do trabalho] mandam mensagem: “Tá todo mundo em casa. Ninguém pode mais sair!” Foi um momento de choque. [...] Eu, por exemplo, só tive noção da gravidade, pra você ver!, quando a Globo parou a novela. [risos] Eu falei: “Aí, o bicho tá pegando. O mundo acabou!” Porque a novela nunca para (Thiago).

Outros interlocutores também relataram o sentimento de choque e medo. Na medida do possível, seguiram as principais medidas preventivas indicadas naquele momento: evitar sair de casa e higienizar as mãos e objetos que entravam nas residências.

Para alguns, o distanciamento dos espaços do Vale permanecia no momento da entrevista. Gilberto, entrevistado em novembro, foi categórico quando solicitado a descrever os lugares que frequenta:

Atualmente nenhum, né? [...] Se é uma norma de segurança você ficar em casa, e o governo disse

isso, a Organização Mundial da Saúde disse isso, eu sou bem rigoroso. [...] Só mercado, farmácia e para o meu trabalho, que agora voltou com dois dias presenciais. Mas, antes de tudo acontecer, meu espaço preferido, que eu chamo até de “minha segunda casinha”, era a MetrÓpole.

A maioria dos participantes da pesquisa passaram a se utilizar majoritariamente da dimensão *on-line* para a sociabilidade com amigos e para as diversões sexuais.

Segundo movimento – sociabilidade e sexo à distância *on-line*

Sites de busca de parceiros sexuais na internet passaram a postar mensagens incentivando seus integrantes a manterem interações *on-line*

e evitarem o *sexo real*. Um site internacional, especializado em pornografia, muito acessado por HSHs, disponibilizou seu acervo privado para uso gratuito (Quadro 2 – F).

O Clube MetrÓpole, que já possuía perfis no Facebook e Instagram, expandiu suas inscrições *on-line*. Em 19 de março de 2020, lançou uma programação especial, as *lives* da Metro, com shows de seus DJs no Instagram. Também passaram a oferecer um serviço de *delivery* de bebidas. Em 27 de junho, realizou, *on-line*, sua tradicional festa de São João, Festa da Espiga, marcada por shows de *strip-tease* e pelo concurso da *melhor espiga* entre os homens concorrentes, com a venda de ingressos.

No plano sexual, os relatos em conversas informais mostraram que houve diminuição no

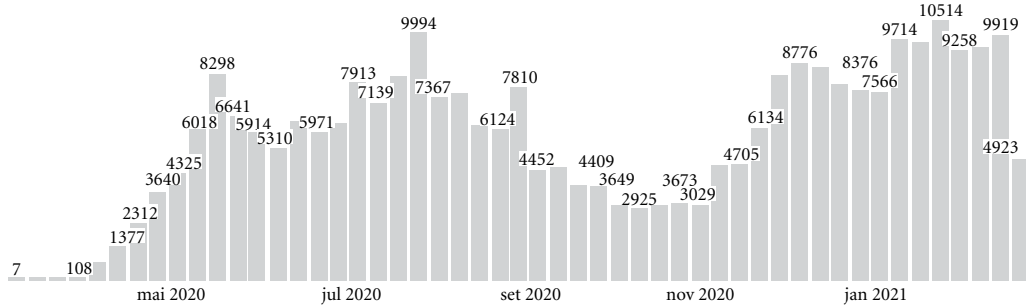


Gráfico 1. Evolução dos infectados por Sar-CoV2 em Pernambuco, por data de boletim (Semanal) (23/02/2021).

Fonte: Governo de Pernambuco²⁶.

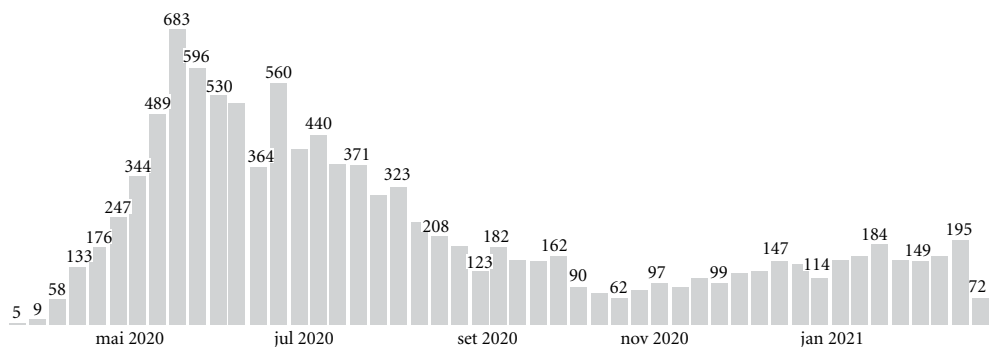


Gráfico 2. Evolução dos casos fatais por Sar-CoV2 em Pernambuco, por data de boletim (Semanal) (23/02/2021).

Fonte: Governo de Pernambuco²⁶.

número de convites para encontros *offline* por meio de *sites* e aplicativos, e o aumento de interações sexuais *on-line*. Estas envolveram o *sexting* (troca de mensagens sexuais), o envio de *nudes* (imagens de partes nuas dos corpos), *exibições* por meio de vídeo chamadas e até mesmo sexo grupal *on-line*.

Terceiro movimento – adesão irregular às medidas de prevenção

Vendo as cenas que compõem o terceiro movimento, narradas a seguir, temos a impressão de que a pandemia não afetou a vida de muitas pessoas. Ainda que houvesse a consciência das pessoas de que algo extraordinário estava acontecendo, as práticas observadas ou relatadas se configuravam como uma espécie de resistência às medidas para o controle da pandemia. Jorge, entrevistado em dezembro de 2020, não pareceu esboçar preocupações ou mudanças de conduta sexual diante da pandemia.

[Três cenas nas quais usou camisinha.] Cenas raras! [...] eu estava no aeroporto de São Paulo, conheci um cara pelo Grindr [...] A outra, eu estava em Brasília. Conheci um cara num hostel [...] no meio da pandemia. Em Brasília também liguei o Grindr, e aí conheci um menino. [...] Minhas três últimas transas foram sem camisinha mesmo. A primeira delas foi [...] sábado, com um gringo. Foi um cara da Inglaterra que estava aqui [...]. Ele teoricamente era hétero. A outra foi na segunda. Foi também com um gringo da França, que eu conheci no Ramon [bar em Boa Viagem], ele é bi. A outra foi na terça. Foi um menino [...] em Maracáipe, surfista etc. [...] Ele veio aqui em casa [...] pra gente fumar um “beque” (maconha) e tal.

No que se refere à sociedade englobante, desde as primeiras recomendações para o uso de máscara, a adesão sempre foi mais recorrente em regiões centrais dos municípios – onde comércio e bancos estão localizados – do que nos bairros mais afastados. Mesmo nos espaços centrais, muitos/as utilizavam de forma incorreta (abaixo do nariz ou no queixo) e de modo inconsistente (apenas quando entravam nos estabelecimentos). Essa movimentação só aumentou na medida em que os meses passaram.

Junho – esfumaçando o distanciamento social

A família dela (amiga) pegou quase toda. Porque o pai pegou e aí ela pegou. Depois eu peguei. [...] No meu caso, meses antes, minha mãe também tinha pegado e ela cuidava de um senhor. E o senhor morreu de COVID, por isso que ela pegou COVID.

E aí ela perdeu trabalho. [...] ninguém nasceu pra ficar enclausurado esse tempo todo. Especialmente nos dias, nos catorze dias que a gente tinha que ficar preso. Eu tinha que sair pra comprar comida, pra fazer alguma coisa, porque não tinha ninguém, saca? Então coloca você numa situação totalmente diferente. Porque eu sei que estava tendo uma pandemia no resto do mundo, tinha restrições. Mas quando você chega em bairro pobre... Bairro pobre não tem muito o que escolher. Se há aquele comerciante e tal, pequenino, é uma pessoa que precisa realmente comprar alguma coisa. Então, é literalmente botar a cara a tapa e esperar que o pior não aconteça. [...] E o pior aconteceu em várias, várias famílias (Thiago).

O relato de Thiago mostra a tentativa das pessoas mais pobres de cumprir as medidas de proteção e todas as dificuldades que isso implicava. Muitas se infectaram e, como circulava a ideia de que os que já haviam se infectado estariam imunes, isso pode ter conferido um “passaporte” para circulação, incluindo o não uso da máscara (Quadro 2 – G).

Na RMR, a saída do *lockdown* acontece no primeiro dia de junho, mas a reabertura dos estabelecimentos comerciais e o retorno de outras atividades na forma *offline*, como praias, academias e bares, obedeceu a um rígido cronograma estabelecido no “Plano de convivência com a COVID-19 em Pernambuco” (Figura 1)²⁶. Plano que muitas vezes foi contestado por diferentes setores da economia, pelo governo federal e pessoas comuns, que não concordavam com as novas regras.

Um capítulo à parte eram as contradições que o transporte público colocava à premissa do distanciamento social. O setor diminuiu bastante a oferta de transporte durante os primeiros meses da epidemia, porém a oferta de transporte não aumentou proporcionalmente ao retorno das atividades laborais (Quadro 2 – H). Em paralelo, o presidente da República continuava a produzir contradições ao enfrentamento, chamando a população a se rebelar contra os planos de enfrentamento estaduais e municipais (Quadro 2 – I). A partir de julho, a consolidação da opinião do governo de Pernambuco de que a epidemia estava diminuindo em número de casos e de mortes no estado²⁵ parece ter sido interpretada por parcela da sociedade como se o vírus estivesse sob controle.

Paulatinamente, houve um aumento do relaxamento no distanciamento social e no uso da máscara – apesar de decreto estadual de 31 de julho de 2020, que passou a tornar obrigatório

o uso dessa proteção nos espaços públicos²⁴ e estabelecimentos comerciais pernambucanos. É essa movimentação nos níveis programáticos e da sociedade abrangente que aponta para o que vai acontecer nas redes de sociabilidade HSH.

Quarto movimento – a volta do sexo offline

Dia após dia, integrantes do circuito HSH foram cansando do *sexo on-line* e, vez por outra, surgia algum convite para a passagem ao *sexo real*. Após o *lockdown*, os convites vinham, em especial de ex-namorados, ex-ficantes e/ou de pessoas que integravam as redes sociais *on-line*:

[Essa situação de pandemia prejudicou as relações, a tua vida sexual?] [...] um pouco, principalmente no começo. No auge da pandemia, eu mesmo parei de usar (aplicativos de busca de parceiros), sempre que alguém queria ficar comigo, mesmo na pandemia, naquele auge, muita gente. Mesmo assim me procuravam e mesmo assim eu recusava. [...] [Isso pelo aplicativo?] Não, pelas redes sociais, porque eu já tinha parado com o aplicativo mesmo. [Que redes sociais tu usas?] Facebook, Instagram, Twitter e WhatsApp (Fabrício).

Os convites vinham por meio de conversas *on-line* e envolviam a explicitação de estar cumprindo *quarentena* (sic) rigorosa, acompanhada de insinuações sobre *carência* e *tesão*. Nesse âmbito, havia sugestão do encontro *offline* que, em

algumas cenas descritas, o parceiro recusava sob alegação de medo de se infectar, ainda que estivesse com muito *tesão*.

No final do *lockdown*, a observação participante em contexto pandêmico permitiu notar a forte presença de roteiros de *azaração* nos estabelecimentos declarados essenciais, especialmente supermercados. A rua foi reforçada como local de *pegação*, mas com mais discricção do que a experienciada nos lugares LGBTQ+. Certamente relacionada ao temor pela discriminação e violência.

O mês de julho parece ter sido aquele em que o sexo estava no ar. A *azaração* corria solta nas ruas, nos parques, e também nos aplicativos de *pegação*. José, entrevistado em dezembro, relata que retornou à vida sexual *offline* com a ajuda do *Grindr*:

A primeira vez que eu saí de casa pra transar (depois de a pandemia começar) foi com um cara em Cavaleiro, um bairro aqui de Jaboatão. Eu saí com a máscara, tudo direitinho. E na mesma semana em que eu fiquei com ele, eu fiquei com outra pessoa lá no bairro da Boa Vista, no Recife. [...] Ambos em julho, na mesma semana. E o terceiro foi agora em novembro. [...] Eu já o conhecia de vista, e do Grindr. [...] Então eu passei pelo bairro dele, o lugar onde ele mora. Falei com ele no Grindr, ele me chamou e eu fui. Eu tinha voltado de um evento

RESUMO DO CRONOGRAMA DE FLEXIBILIZAÇÃO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS		
01/06	4.1	Lojas de material de construção e delivery de comércio não essencial Reabertura gradual da construção civil e comércio atacadista
08/06	4.2	Delivery e coleta de shoppings centers e centros comerciais Reabertura gradual de consultórios, ambulatórios de profissionais de saúde, serviços de apoio diagnóstico e terapêuticos e óticas (a partir de 10/06) Reabertura gradual do varejo de rua, salões de beleza e serviços de estética
15/06	4.3	Retorno dos treinos de futebol profissional Reabertura gradual de comércio, serviços de aluguel e vistoria de veículos
22/06	4.4	Ampliação das atividades de varejo de rua e construção civil Reabertura gradual de shopping centers
06/07	3.1	Retorno gradual dos serviços de escritório do setor privado
20/07	3.2	Reabertura gradual dos serviços de alimentação - restaurantes, lanchonetes e similares Reabertura gradual das academias de ginástica e similares
	3.3	Reabertura gradual de feiras e polo de confecções Retorno gradual dos serviços de escritório do setor público
	2.1	Redução das medidas de restrição aos setores de comércio e escritórios
	2.2	Reabertura gradual de museus, cinemas e teatros
	1.1	Retorno de eventos esportivos e eventos, com novos protocolos
	1.2	Retorno de todas atividades com novos protocolos

A EVOLUÇÃO ENTRE ETAPAS DA FLEXIBILIZAÇÃO SERÁ DETERMINADA PELO GABINETE DE ENFRENTAMENTO À COVID-19 EM REUNIÕES REALIZADAS SEMANALMENTE

Figura 1. Resumo do cronograma de reabertura.

e fui ficar com ele. Já era um domingo à tarde. Eu já o conhecia de outras datas.

Em meados de julho, tivemos a oportunidade de observar a *pegação* em um parque público⁶. Chamou atenção a grande quantidade de homens no local, quando comparada com observações realizadas antes da pandemia. A cena incluía o uso de máscaras pelos homens passeando pelo parque, alguns portando álcool em gel.

Para Miguel, entrevistado em setembro, a *quebra da quarentena* (sic) aconteceu uma semana antes da realização da entrevista. Conheceu o parceiro no Twitter, depois passaram para o Instagram, e resolveram se encontrar em um bar. Miguel estava preocupado por ter transado sem camisinha, sobretudo porque o parceiro *tinha falado que ele estava transando durante a pandemia, e sabe Deus lá se ele estava usando camisinha ou não. [...] É uma merda a gente dizer isso, que a gente confia na imagem da pessoa.*

Dos 16 entrevistados durante o período pandêmico, apenas dois não relataram interações sexuais entre março de 2020 e fevereiro de 2021. Três relataram interações sexuais somente com parceiros fixos. Os outros 11 entrevistados tiveram relações sexuais com parceiros casuais, e os ambientes *on-line* foram os mais utilizados para o primeiro contato.

Quinto movimento – retorno da social

A sociabilidade HSH *offline* acompanhou a reabertura da economia e se antecipou à ida aos bares. É nesse contexto que a vontade dos homens de estarem juntos, sem mediação das TICs, fez reaparecer um importante ponto de conexão das redes de sociabilidade. José volta a encontrar os amigos em setembro:

Eu passei o período todinho da quarentena isolado em casa. Só vim começar a sair em setembro, e desde então eu venho indo a praias com alguns amigos LGBTs, e pra uma social com poucas pessoas na casa de algum amigo em Boa Viagem. [Uma social?] É uma festa mais privada com poucas pessoas, até dez no máximo. A gente bebe e depois cada um vai pra sua casa, de máscara e tal. Eu tenho evitado aglomerações.

A *social*, lugar de *esquentar* para a noitada, em um primeiro momento da reabertura se autônoma como lugar da homosociabilidade. O critério para juntar os amigos era o de parecer cumprir as principais medidas de proteção.

Sexto movimento – reabertura do Vale

O plano de convivência com a COVID-19 para a RMR previa a volta de bares e restaurantes a

partir de 20 de julho de 2020^{24,26}. A Metrópole, que desde março estava funcionando com um serviço de *delivery* de bebidas, abre finalmente suas portas à comunidade dois dias depois da autorização. Em 21 de julho, em sua página no Facebook, anuncia a abertura do Bar do Delivery, de quarta a sábado, das 14h às 20h. Na divulgação nas redes sociais, menciona as medidas sanitárias que garantiriam a segurança do público em relação à COVID-19.

Setembro – normalização

A partir de setembro a reabertura se intensificou com a massiva presença das pessoas no comércio e nos espaços de lazer. Programas televisivos de grande audiência apresentavam cenas de pessoas famosas interagindo sem máscara e com contato físico, contradizendo as informações consagradas sobre os riscos de transmissão (Quadro 2 – J).

Também é em setembro que a cobertura da pandemia na mídia passa a dividir espaço com os acontecimentos das eleições municipais. Ainda que regras tenham sido estabelecidas para impedir aglomerações durante as campanhas eleitorais, não foi bem isso que se viu em Pernambuco (Quadro 2 – L). Passadas as eleições, a pauta da COVID-19 voltou com força aos noticiários. A mídia fala de uma segunda onda, ou repique, expressa no crescimento de números de casos e de mortes (Quadro 2 – M) (gráficos 1 e 2).

Em Pernambuco, aumentou a frequência nas praias e bares, gestores de saúde se manifestaram preocupados com a ausência de máscaras. Aparentavam para a necessidade de redobrar o cuidado com as confraternizações no final do ano e propunham uma nova etiqueta para os eventos, divulgada nos telejornais. Não obstante, os transportes públicos continuavam superlotados.

Continua o posicionamento do presidente favorável ao uso do kit-covid no *tratamento precoce*, com aderência de boa parte da população, mesmo com o desmentido da ciência, de laboratórios e de alguns setores da medicina (Quadro 2 – N). Também se contrapunha às vacinas, que naquele momento se concretizavam como horizonte possível para o controle da pandemia (Quadro 2 – O). Neste contexto, e seguindo o discurso do presidente, aumenta o uso de expressões negacionistas na população, como *é só uma gripezinha*, ou onipotentes, como *só pega em quem tem medo* – redundando na fatalidade do *vamos todos morrer um dia* ou do *só se vive uma vez, preciso aproveitar o momento* (Quadro 2 – I). Representações sobre o infortúnio da COVID-19 que justificavam a saída às ruas sem máscaras.

Em janeiro de 2021, acontece a crise do oxigênio em Manaus/AM, dada a carência do insumo frente à superlotação dos serviços de saúde (Quadro 2 – P). Outra questão preocupante era a disseminação de novas cepas do Sars-CoV-2 (Quadro 2 – Q). Preocupado com as aglomerações em praias e bares, o governo de Pernambuco proíbe música nos estabelecimentos (Quadro 2 – R). Fevereiro, mês do Carnaval, é marcado por decretos que proíbem a realização de festas e aglomerações em dois importantes polos festivos da RMR (Quadro 2 – S). No final do mês, como tentativa de frear as curvas da epidemia, em ascensão em todo o Brasil, um decreto regulamenta o toque de recolher na RMR, focando as aglomerações noturnas de lazer (Quadro 2 – T)²⁴.

Sétimo movimento – burlando medidas preventivas

Em setembro, segue crescendo a volta dos gays ao Vale. Apesar de muitas restrições, o que parece acontecer é o festejar de um fim imaginado da pandemia:

Fui no dia da eleição, dia 14 de novembro. Tava muito lotado e foi um público completamente diferente, porque tem muita gente nova que tá indo pra lá. [...] agora a própria Metrópole e os outros bares da rua estão fechando à meia-noite. A galera realmente está ficando no meio da rua. Então têm momentos que fica impossível passar (José).

Além da lotação, José também menciona o aumento da frequência de jovens e menores de 18 anos. Sua descrição aproxima o que vê no Vale ao Carnaval.

[Os jovens] tão bebendo, dançando, isso sempre aconteceu na rua das Ninfas, só que agora tem muita gente. [...] Digamos que antigamente tinham 100 pessoas no meio da rua, agora tem mais de 300 [...] aglomeradas lá. Tá parecendo o Carnaval de Olinda (José).

Ainda que os estabelecimentos informassem, em seus perfis *on-line*, que seguiam as medidas recomendadas, não foi bem isso que se viu. Dentro dos bares havia um certo relaxamento sobre o cumprimento das regras, exceto quando ocorriam fiscalizações. Embora o Carnaval tenha sido suspenso no Recife, os bares do Vale continuaram com sua programação, sem se afetarem com o objetivo da medida: impedir as aglomerações das festas de Carnaval.

Discussão: o novo normal no Vale

A definição de *novo normal*^B situaria para a população a necessidade de manutenção de práticas de redução de risco para a COVID-19 durante meses ou anos, ainda que todos estivessem vacinados, uma vez que não se sabia o tempo que as vacinas confeririam proteção⁴.

Mas o *novo normal* que vimos se configurar careceu de distanciamento e de uso de máscara e se justificou pelo fatalismo, forjado nas contradições enfrentadas pelas classes trabalhadoras durante o primeiro ano da pandemia. Narrativas como a de Thiago revelam a dificuldade de distanciamento social e isolamento dos casos nos bairros mais pobres²⁷, dada a carência de políticas públicas robustas de redução dos impactos econômicos da pandemia nas famílias^{20,21}. Dinâmica que não foi incidental e que teve como importante protagonista o presidente da República^{20,28}. Esse contexto mais amplo vai situar os modos de sociabilidade e condutas sexuais dos HSHs.

Sociabilidade

A *social na casa de amigos* foi a primeira conexão *offline* a voltar após as medidas de distanciamento social. Sugerimos que isso se deu não só por escapar da regulação governamental com maior facilidade, mas por atualizar a centralidade das amizades na sociabilidade *gay*. Os amigos são importantes na autoaceitação e no *come out* de homens homossexuais; são guias para ingresso nos espaços de homosociabilidade e coadjuvantes na proteção contra a violência. Amizades também envolvem erotismo e aprendizagem da sexualidade nas narrativas das aventuras sexuais^{11,13,29,30}.

Na segunda quinzena de julho de 2020, os estabelecimentos do Vale reabriram, readequados conforme o plano de convivência. São pontos de convergência *offline*, de disseminação de opiniões e de modos de vida para quem os frequenta^{12-14,17}. Os empresários do *mercado rosa*, na falta de políticas públicas de mitigação dos impactos econômicos da pandemia, alinharam-se a outros setores econômicos na crítica a ações que representassem diminuição de faturamento. Isso se expressa na tendência a serem lenientes com o uso dos insumos de prevenção, reforçando a falsa ideia de que a pandemia havia terminado.

O limite da quantidade de pessoas nos bares, os horários do transporte público e a violência no entorno do Vale certamente contribuíram para fazer a aglomeração na rua crescer. Em adição, bebidas e cigarros, tanto nos bares como na rua, impediam o uso de máscaras. Lembrando que o uso de álcool e outras drogas é facilitador para a despreocupação com o cuidado de si¹⁷, um conjunto de condutas bastante perigosas no contexto da COVID-19^{5,8}.

A forte presença de jovens pode estar relacionada ao emprego da categoria “grupo de risco” na prevenção da COVID-19 – formado por idosos e pessoas portadoras de doenças crônicas –, deixando os jovens “desimplicados” da prevenção. A experiência do HIV/AIDS nos ensinou como a lógica do grupo de risco contribuiu para a formação dos caminhos da epidemia, ao desconsiderar a dinâmica dos vírus que usam das tessituras sociais para se espalhar^{9,31}. Além de poder levar o Sars-CoV-2 para suas famílias, mesmo quando assintomáticos³², análise realizada no âmbito do Observatório COVID-19 BR³³ mostrou como, em São Paulo, os doentes não idosos, que eram metade dos pacientes hospitalizados, poderiam impactar o sistema de saúde, contribuindo para o esgotamento de leitos.

Sexualidade

Em março de 2020 houve um deslocamento das interações sexuais para a dimensão *on-line*, cuja exclusividade durou pouco. Em junho e julho, a *azaração* na rua, no comércio essencial e na internet é expressiva de que boa parte das pessoas estava voltando à atividade sexual *offline*^{2,7,8}, ainda que alguns interlocutores permanecessem com suas experiências sexuais concentradas na dimensão *on-line* na ocasião das entrevistas.

Adalberto conheceu o namorado na academia, no processo de reabertura. Fernando parecia mapear no Grindr pessoas já conhecidas. Essas cenas nos remetem a algumas estratégias dos HSHs para lidar com o risco de se infectar pelo HIV¹⁶⁻¹⁹: relaxar o uso do preservativo com pessoas de suas *bolhas*¹⁸. Isso porque algumas profissões, classes sociais, grau de escolaridade, ou o fato de serem amigas de amigos/as nas redes *on-line*, geram a sensação de melhor conhecer os potenciais parceiros e/ou de que eles são mais cuidadosos com a saúde¹⁹. A aparência saudável parece interferir sub-repticiamente para a produção das cenas de sexo desprotegido^{17,19}, semelhante ao comentário culposo de Miguel sobre o

primeiro rapaz com quem saiu depois do início da pandemia.

De todo modo, ainda que *quebrassem a quarentena* (sic), muitos de nossos interlocutores buscavam alguma forma de se proteger do Sars-Cov-2⁶⁻⁸. Podemos pensar que a regulação das práticas em função dos vínculos afetivos desempenhou papel importante no uso da máscara. É exemplar o relato de José sobre a retomada da *social na casa de amigos*, em que é necessário retirá-la para beber. Do mesmo modo, ele afirma ter utilizado máscara em sua primeira transa durante a pandemia. O uso de máscaras na cena de pegação no parque, em julho de 2020, é um outro exemplo⁶. Ambas são cenas sexuais com pessoas estranhas.

Jorge presentifica o caso de homens que não pararam de transar, mesmo nos meses de *lock-down* rigoroso^{2,8}. As cenas mostram porosidade das identidades sexuais, apagando as fronteiras entre os circuitos LGBT+ e a sociedade englobante, que nos relatos se expandem do local para o mundo. Ainda que não seja uma doença transmitida pelo sexo, as cenas produzem ambiências para o Sars-CoV-2 prosperar^{6,8}.

Considerações finais

Abordamos a sociabilidade e a sexualidade de HSHs no contexto da epidemia de COVID-19. Por limitações do escopo de nossa pesquisa, não exploramos discursivamente as medidas utilizadas para proteção do novo vírus. Ainda assim, as cenas aqui discutidas dão contexto intersubjetivo aos resultados de Carvalho *et al.*² e Alves *et al.*⁸ e oferecem subsídios para refletir sobre os contextos de vulnerabilidade à COVID-19⁹.

Sublinhamos que a desobediência às regras de convivência na pandemia não foi exclusiva aos HSHs. Eles as trouxeram de seus bairros, dos ônibus superlotados, com forte influência do discurso negacionista do presidente da República.

No ano de 2020, o Brasil computou 194.949 óbitos por COVID-19. Podemos dizer que, no período estudado, produziu-se um *novo normal* caracterizado por negacionismo, onipotência e fatalismo. A partir de setembro de 2020, o que mais se viu foram festas, circulação ostensiva de pessoas e ausência do uso de máscara, impulsionando os números de infectados e de mortos na normalização de uma crise sanitária sem precedentes no Brasil.

Colaboradores

LF Rios e KG Adrião conceberam a pesquisa, supervisionaram a coleta de dados, conduziram a análise e realizaram a redação final do texto. C Oliveira, JI Francolino, M Coelho, IM Silva, MS Araújo e C Parra participaram da coleta e análise de dados e contribuíram para a elaboração do primeiro desenho do texto.

Financiamento

A pesquisa que originou este artigo contou com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), no formato de bolsa de Produtividade em Pesquisa (processo 310468/2018-3) e concessão de bolsas de Iniciação Científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Pernambuco (FACEPE) e pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da UFPE.

Referências

1. Aquino EML, Silveira IH, Pescarini JM, Aquino R, Souza-Filho JA, Rocha AS, Ferreira A, Victor A, Teixeira C, Machado DB, Paixão E, Alves FJO, Pilecco F, Menezes G, Gabrielli L, Leite L, Almeida MCC, Ortalan N, Fernandes QHRF, Ortiz RJF, Palmeira RN, Junior EPP, Aragão E, Souza LEPP, Netto MB, Teixeira MG, Barreto ML, Ichihara MY, Lima RTRS. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. *Cien Saude Colet* 2020; 25(Supl. 1):2423-2446.
2. Carvalho HEF, Schneider G, Sousa AR, Camargo ELS, Nunes RV, Possani MA, Barbosa DA, Mendes IAC, Sousa AFL. Síndrome gripal suspeita de COVID-19 em homens que fazem sexo com homens e se envolveram em sexo casual. *Rev Bras Enferm* 2020; 73(Supl. 2):e20200913.
3. Observatório COVID-19/Fiocruz. *Boletim Observatório COVID-19. Semanas Epidemiológicas 05 a 07 de 2021*. [Internet]. [acessado 2021 fev 26]. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/documento/boletim-do-observatorio-covid-19-semanas-epidemiologicas-05-e-07-de-2021>
4. Berino A, Cabral T. O “novo normal” em tempos de pandemia: a sociedade capitalista em questão [Internet]. *ReDoC* 2020, jul. [acessado 2021 Feb 26]. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1113>
5. Sousa AFL, Queiroz AAFLN, Lima SVM, Almeida PD, Oliveira LB, Chone JS, Araújo TME, Brignol SMS, Sousa AR, Mendes IAC, Dias S, Fronteira I. Prática de chemsex entre homens que fazem sexo com homens (HSH) durante período de isolamento social por COVID-19: pesquisa online multicêntrica. *Cad Saude Publica* 2020; 36(12):e00202420.
6. Rios LF. Sexualidade e prevenção entre homens que fazem sexo com homens nos contextos das pandemias de AIDS e da COVID-19. *Cien Saude Colet* 2021; 26(5):1853-1862.
7. Escalante M, Noriega G. Motivaciones, significados y riesgos en los encuentros sexuales de hombres gays de La Ciudad Autónoma de Buenos Aires en el contexto del COVID-19. *Sex, Salud Soc* 2021; 37:e21201.
8. Sousa AFL, Oliveira LB, Queiroz AAFLN, Carvalho HEF, Schneider G, Camargo ELS, Araújo TME, Brignol S, Mendes IAC, Fronteira I, McFarland W. Casual sex among men who have sex with men (MSM) during the period of sheltering in place to prevent the spread of COVID-19. *Int J Environ Res Public Health* 2021; 18(6):3266.
9. Ayres JR, Franca Junior I, Calazans GJ, Saletti Filho HC. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: Czeresnia D, Freitas C, organizadores. *Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; 2003. p. 117-139.
10. Parker R. *Entre homens: homossexualidade e AIDS no Brasil*. Rio de Janeiro: ABIA; 1998.
11. Rios LF. Corpos e prazeres nos circuitos de homossexualidade masculina do centro do Rio de Janeiro. *Cien Saude Colet* 2008; 13(2):465-475.

12. Monteiro S, Vargas E, Cecchetto F, Mendonça F. Identidades, trânsitos e diversidade sexual em contextos de sociabilidade juvenil no Rio de Janeiro (Brasil). *Cad Pagu* 2010; 35:79-109.
13. Facchini R, Franca I, Braz C. Estudos sobre sexualidade, sociabilidade e mercado: olhares antropológicos contemporâneos. *Cad Pagu* 2014; 42:99-140.
14. França I. Espaço, lugar e sentidos: homossexualidade, consumo e produção de subjetividades na cidade de São Paulo. *Revista Latinoamericana de Geografia e Gênero* 2013; 4(2):148-163.
15. Kerr L et al. HIV prevalence among men who have sex with men in Brazil: results of the 2nd national survey using respondent-driven sampling. *Medicine (Baltimore)* 2018; 97(Suppl. 1):S9-S15.
16. Ferraz D, Paiva V. Sex, human rights and aids: an analysis of new technologies for HIV prevention in the Brazilian context. *Rev Bras Epidemiol* 2015; 18(Supl. 1):89-103.
17. Antunes M, Paiva V. Territórios do desejo e vulnerabilidade ao HIV entre homens que fazem sexo com homens: desafios para prevenção. *Temas Psicol* 2013; 21(3):1125-1143.
18. Grace D, Chown SA, Jollimore J, Parry R, Kwag M, Steinberg M, Trussler T, Rekart M, Gilbert M. HIV-negative gay men's accounts of using context-dependent seroadaptive strategies. *Cult Health Sex* 2014; 16(3):316-330.
19. Rios LF, Albuquerque AP, Santana W, Pereira AF, Oliveira Junior CJ. O drama do sexo desprotegido: estilizações corporais e emoções na gestão de risco para HIV entre homens que fazem sexo com homens. *Sex, Salud Soc* 2019; 32:65-89.
20. Centro de pesquisas e estudos de direito sanitário (CEPEDISA). Um ataque sem precedentes aos direitos humanos no Brasil: a linha do tempo da estratégia federal de disseminação da COVID-19. *Direitos na pandemia* 2021; 10:6-31.
21. Correia D, Santos AF, Brito KPA, Guerra LDS, Vieira KJ, Rezende CLS. Auxílio emergencial no contexto de pandemia da COVID-19: garantia de uma proteção social? *J Manag Prim Health Care*; 2020, 12:e37.
22. Rios LF, Adrião KG. On descriptions, rectifications, and scientific objectivity: methodological reflections from a research on sexual behavior and HIV/AIDS among men who have sex with men. *Saúde Soc* 2022; 31(1):e210427.
23. RIOS LF. Parcerias e práticas sexuais de jovens homossexuais no Rio de Janeiro. *Cad Saude Publica* 2003, 19(Supl. 2):223-232.
24. Pernambuco. Lista dos decretos por data [Internet]. 2022. [acessado 2020 abr 5]. Disponível em: <https://www.pecontracoronavirus.pe.gov.br/>
25. Pernambuco. COVID-19 em dados [Internet]. 2021. [acessado 2020 fev 26]. Disponível em: <https://dados.seplag.pe.gov.br/apps/corona.html>
26. Pernambuco. *Plano de convivência – Atividades econômicas – COVID-19*. 2020. [Acessado 2021 fev 26]. Disponível em: <http://www.pecontracoronavirus.pe.gov.br/wp-content/uploads/2020/11/plano-de-convivencia-das-atividades-economicas-com-a-covid-19-v-20-29-10-2020>
27. Natividade MDS, Bernardes K, Pereira M, Miranda SS, Bertoldo J, Teixeira MDG, Livramento HL, Aragão E. Distanciamento social e condições de vida na pandemia COVID-19 em Salvador-Bahia, Brasil. *Cien Saude Colet* 2020; 25(9):3385-3392.
28. Schwarcz L, Starling H. *A bailarina da morte: A gripe espanhola no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras; 2020.
29. Green A. *Além do Carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP; 2002.
30. Braz C. Entre sobreviventes e bichas dos tempos dourados - memória, homossexualidade e sociabilidade na cidade de Goiânia, Brasil. *Cad Pagu* 2015; 45:503-525.
31. Barcellos C, Bastos F. Redes sociais e difusão da AIDS no Brasil. *Bol Oficina Sanitaria Panam* 1996; 121(1):11-24.
32. Observatório COVID-19 BR. Nota sobre a transmissão de COVID-19 por pacientes assintomáticos. *Análises comentadas* 2020a. [acessado 2021 fev 26]. Disponível em: <https://covid19br.github.io/analises.html?aba=aba7>
33. Observatório COVID-19 BR. Esgotamento de leitos por jovens e adultos. *Análises comentadas* 2020b. [acessado 2021 fev 26]. Disponível em: <https://covid19br.github.io/analises.html?aba=aba8#>

Artigo apresentado em 12/12/2021

Aprovado em 04/04/2022

Versão final apresentada em 06/04/2022

Editores-chefes: Romeu Gomes, Antônio Augusto Moura da Silva

